HONESTAMENTE, EU ESTAVA ERRADA em querer que a Shimamura focasse só em mim? Ultimamente, eu começava a me questionar, só um pouquinho. O sorriso rígido dela criava ondas no meu coração. Eu queria que aquele sorriso fosse doce e puro! Quer dizer, ele sempre era *doce*, mas às vezes ficava… sabe… *duro*.

Mas o que poderia ser mais importante do que focar na única coisa que realmente importava? E eu importava mais. Afinal, agora eu era a namorada dela.

A namorada dela… Hee hee…

Num piscar de olhos, nossa professora já tinha terminado de falar. Meus olhos vagaram até as palavras escritas bem grandes no quadro-negro:

“Viagem escolar…?”

Aparentemente, ia acontecer no mês que vem. Eu não fazia ideia até agora.

Pra falar a verdade, eu não conseguia me lembrar de nenhuma das excursões que fiz no ensino fundamental ou no ginásio. Nem sabia dizer para onde tínhamos ido — tudo que recordava era a vontade intensa de voltar para casa. Mas dessa vez era diferente. Dessa vez, eu estaria com a Shimamura… e só esse pensamento já era o suficiente para aumentar um pouco minha empolgação.

Viagens são tão incríveis… Espero que um dia Shimamura e eu possamos viajar juntas, só nós duas…

Foi então que fiz contato visual com a pessoa em questão. Ela me olhava através da multidão de alunos circulando durante o intervalo entre as aulas. Timidamente, levantou a mão em um aceno discreto. Esse pequeno gesto fez meu peito doer de uma maneira profunda. Tomando cuidado para me controlar, acenei de volta.

Desde o começo do segundo semestre, Shimamura era tudo em que eu conseguia pensar, até mesmo durante as aulas. Igual antes, só que agora de maneira mais clara. Era como segurar uma flor na altura dos olhos para apreciá-la; a beleza estava bem diante de mim.

Sinceramente, se eu não tomasse cuidado, corria o risco de começar a cantar do nada. Na verdade, minha mãe já tinha me flagrado cantarolando outro dia e me lançou um olhar estranho. Depois, perguntou se eu estava de bom humor, ao que respondi: "Não, ah… isso é normal!" Pensando bem, senti um pouco de culpa por não ter tentado me abrir mais e puxar uma conversa com ela. Mas minha mãe quase nunca me perguntava nada, então entrei em pânico.

Por outro lado, também não queria que ela fosse tagarela como a mãe da Shimamura…

A Shimamura se parecia bastante com a mãe, e não só fisicamente — elas tinham alguns traços de personalidade em comum também. Tinha algo nelas que eu não conseguia explicar — uma alegria externa, mas com um certo vazio interior…? Não conseguia colocar em palavras. Então fiquei remoendo isso durante toda a aula, sem conseguir anotar uma única linha.

Quando o horário do almoço chegou, peguei minha bolsa e fui até a mesa da Shimamura. Ela me cumprimentou enquanto guardava seu material escolar.

Desde o início do segundo semestre, nós duas passamos todos os intervalos de almoço juntas. Coincidentemente, hoje íamos comer panquecas de *okonomiyaki* de novo. Ainda restavam seis, e Shimamura se recusava a preparar qualquer outra coisa até terminarmos com elas. "Afinal, seria um desperdício jogar fora", ela disse. Mas como ela concordou em me ajudar a comer, não podia reclamar muito.

Depois que me sentei do outro lado da mesa dela, abrimos o recipiente. Eu tinha me certificado de aquecer as panquecas naquela manhã, mas isso já fazia horas, e elas haviam esfriado novamente. Ainda assim, Shimamura comeu sem protestar.

Porque você fez pra mim, Adachi.

…Tá, ela não disse isso exatamente, mas… quer dizer, provavelmente sentiu isso, né? No fundo, eu torcia muito para que fosse o caso.

Enquanto mastigava sem muito ânimo, meus olhos vagaram até os lábios da Shimamura. Aqueles lábios haviam pressionado firmemente minha testa… Eu não conseguia lembrar de todos os detalhes, já que estava tonta demais para enxergar direito, mas sabia que definitivamente tinha acontecido.

Um calor arrebatador tomou meu rosto como uma onda. Aquele ângulo, aquela sensação — meu coração disparou. Mas o que mais me arrepiava era o fato de que ela disse que só faria isso *comigo*. Ela me absorveu como uma nova parte de si mesma, e agora nossos pés se alternavam subindo as escadas… *Meu Deus, do que eu tô falando?* Não sei, mas essa era a imagem que me vinha à mente.

Espero que ela faça de novo, porque desta vez, vou memorizar cada mínimo detalhe, prometi a mim mesma. Enquanto isso, meus olhos continuavam fixos em seus lábios hipnotizantes. Então, ela percebeu meu olhar.

“O que foi?”

“Nada! Nada,” menti apressadamente, balançando a cabeça e agitando os *hashis*.

“Ahhh, entendi,” ela sorriu com malícia. *Espera, o quê?!* “Abre a boca e diz ‘aaaah’!” Ela pegou um pedaço de *okonomiyaki* e o estendeu para mim, com um sorriso travesso e brincalhão.

O-O QUÊ?! AQUI?!

Olhei ao redor, aflita. Por um lado, parecia que ninguém estava nos observando, mas por outro, parecia que *todo mundo* estava. Ou seja, eu não conseguia ver nada. Com o mundo girando ao meu redor, me inclinei para frente e dei a mordida. Seus *hashis* cutucaram minha língua.

Mas agora, refletindo sobre os acontecimentos do dia no conforto do meu quarto, eu não conseguia evitar a preocupação de que estava deixando tudo subir à cabeça. Eu não queria repetir aquele vexame pelo telefone, então precisava me manter alerta.

“Não. Não posso deixar isso acontecer.”

Dei tapas no próprio rosto para apagar o sorriso bobo. Algo parecido quase aconteceu lá no estacionamento para bicicletas, mas eu consegui me conter, não consegui? Claramente, eu estava progredindo! Provavelmente! Me sentei ereta na cama e cerrei os punhos.

“…Mas ainda assim…”

Murchando, caí de lado. Eu sabia muito bem que a culpa pelo incidente era inteiramente minha… mas quem *era* aquela garota que eu vi com ela no festival? Não havia nada que a Shimamura pudesse dizer para aplacar minha curiosidade. Eu sabia que precisava superar isso, mas depois de tanto tempo, ainda não me sentia em paz.

Se tivesse que adivinhar, provavelmente era a mesma garota que ligou para ela outro dia. Shimamura tinha uma amizade da qual eu não fazia parte. E eu sabia que isso era *perfeitamente normal* ou sei lá… mas mesmo assim! Me joguei de costas na cama e rolei de um lado para o outro, cobrindo o rosto com as mãos.

Na verdade, eu tinha medo das partes da Shimamura que eu não conhecia. Eu queria amar cada pedacinho dela, mas para isso, precisava saber tudo sobre ela. Para mim, esse era o verdadeiro propósito da minha vida. Mas se eu fosse com muita sede ao pote, ela ficaria desconfortável… Era difícil saber onde estava o limite e ainda mais difícil conter esses impulsos.

Rolei violentamente de um lado para o outro, como se estivesse pegando fogo, lutando contra meus sentimentos negativos. Eventualmente, depois de me

esgotar com todo esse desespero, me sentei de volta. Toda essa reviravolta bagunçou meu cabelo.

“Quero vê-la…”

Para que meus sonhos se tornassem realidade, eu precisava me esforçar, um dia de cada vez. Assim, decidi ligar para ela e preencher pelo menos um dos espaços vazios.

“Alô, alô! O que conta de bom?”

Shimamura parecia estar jogada na cama. Ultimamente, eu conseguia perceber essas coisas, o que me deixava feliz, pois era uma prova de que eu estava conhecendo ela cada vez mais.

“Ei, então, esse domingo…”

“O que tem?”

“Vamos sair… e-em um e-encontro!” gaguejei.

“Um e-encontro, é isso?”

“Ou pode ser só um encontro normal… com um único ‘E’…”

“Hahaha! Uau, você é tão flexível!” ela brincou. Então, um instante depois: “Beleza. Esse domingo, né? Fechado.”

“Okay… legal…”

“Você podia ter esperado até amanhã e me chamado na escola, sabia?”

Fazia sentido. Mas eu estava morrendo de vontade de pedir *agora*. “Só pensei nisso agora, só isso.”

“Aha… entendi. Bem, acho que essa é uma boa razão como qualquer outra.”

“V-você acha mesmo?” Eu sempre apreciava elogios da Shimamura, mesmo que nem sempre entendesse de onde vinham.

“Então, onde quer ir?”

“Onde…?”

Onde eu consigo fazer você beijar minha testa? Onde eu tenho que te levar? Onde?

“Meu Deus, você tá completamente bugada, né?”

Onde?!

“Alôôô? Terra chamando Adachi!”

ONDE?!

E assim, um dia inteiro se passou.

Com os cotovelos apoiados na escrivaninha do meu quarto, segurei a cabeça entre as mãos. Eu podia quebrar a cabeça o quanto quisesse, mas não ia encontrar uma resposta que simplesmente não existia. Fiquei matutando o dia todo até meus ouvidos começarem a zumbir, e tudo o que consegui foi uma dor de cabeça. Analisei e reanalisei a questão até me sentir enjoada. Provavelmente, essa foi a coisa em que mais pensei na vida.

Joguei meu corpo sobre a mesa, cogitando tirar um cochilo, mas acabei continuando minha tortura mental. Será que esse lugar sequer existia? *Café do Beijo na Testa? Nem pensar. Cinema do Beijo na Testa? Chato. Loja do Beijo na Testa? O que diabos venderiam lá?* Claramente, essa obsessão com “testa” não ia me levar a lugar nenhum. Eu só teria que contar com a vantagem natural de altura da Shimamura—

Espera, não! Eu sou a mais alta, não ela!

Seja pelas doses diárias de afagos na cabeça ou pelo jeito como ela sempre me tranquilizava, às vezes eu me pegava esquecendo… mas, de fato, eu era a mais alta entre nós. Haveria algum lugar para encontros onde eu precisasse me abaixar…? *Ah, que besteira.* E se fosse um lugar onde a Shimamura precisasse ficar na ponta dos pés? *Não, agora já estou esperando demais.*

Francamente, eu devia estar olhando para isso do jeito errado. Em vez de buscar um lugar que atendesse ao meu desejo, talvez eu devesse fazer com que as coisas se encaminhassem para isso com minhas próprias mãos. E se eu simplesmente pedisse para ela beijar minha testa? Minha mão já estava se aproximando do celular.

Mas, pensando bem… isso não seria meio estranho? E por “meio” eu quero dizer “extremamente”? Ou será que estaria tudo bem? Não seria a primeira vez que ela me acharia esquisita… Mas eu preciso melhorar isso, então talvez seja melhor não? Mas se eu não pedir, terei que arranjar alguma forma de fazer acontecer durante o encontro… Mas como?!

Os pensamentos giravam em círculos dentro da minha cabeça, me deixando zonza.

Por ora… vamos só ligar para a Shimamura.

Ultimamente, eu começava a sentir falta da voz dela assim que chegava em casa. Na verdade, eu provavelmente só ficava procurando desculpas para ligar para ela. Eu sabia que ela atenderia de qualquer forma, mas… sobre o que conversaríamos? Detestava o quão péssima eu era com conversas triviais. Se eu tivesse passado mais tempo falando com outras pessoas ao longo dos anos, será que seria melhor nisso agora? Por outro lado, se eu fosse tão diferente assim, quem garante que eu teria conhecido a Shimamura?

Minhas decisões — certas ou erradas — me levaram até esse momento. Com a Shimamura ao meu lado.

Ela atendeu o telefone depois de alguns toques. “Alôôôôô?”

“Ah, boa noite…”

“Parece que estamos falando no telefone bastante ultimamente.”

Surpresa, rapidamente fiz de conta que não sabia do que ela estava falando. “Estamos…?”

“Não que eu me importe. Então, o que tem de bom hoje?”

“Eu queria… te perguntar uma coisa…”

“Ah?”

Respirei fundo e então comecei.

“Q-que… sso… cequiser… testa…?”

“Não tô te ouvindo.”

“Quetipode… quisabe… beijitestu…”

“Eu não estou conseguindo entender você.”

Eu queria perguntar: "Que tipo de encontro faria você querer beijar minha testa?" mas só consegui murmurar incoerentemente. (Deixo o resto para sua imaginação.) Resumindo, ela finalmente entendeu o que eu estava tentando dizer.

“*Hã*?” Ela levantou a voz, evidenciando a sua confusão. “O que você quer dizer…? Uhhh, me dá um minuto.”

Essa era a Shimamura em sua forma mais perplexa, o que não era surpreendente, dado o que estava acontecendo. Olhando para trás, eu não conseguiria explicar por que disse aquilo. Mas a verdade é que aquilo estava me mantendo acordada à noite. Claramente, algo estava errado com o meu cérebro.

No final, decidi perguntar diretamente.

“Então, basicamente, você quer que eu beije sua testa?”

“…Sim…”

“Bobinha. Tudo o que você precisa fazer é pedir e eu vou… Espera…”

“Tudo o que eu preciso fazer é pedir?!” Eu repeti ansiosamente.

“Na verdade, eu mudei de ideia.”

“O quê?!”

"Bem, você disse que vai me convencer durante o encontro, né?" ela provocou.

Rrrrgh! "Sim, mas eu não acho que vai dar certo... por isso que eu perguntei..."

"Faça o seu melhor!" ela respondeu casualmente.

Fácil para você dizer! Grrrrrr! Eu bati os braços de frustração. Dito isso, no entanto, eu não queria implorar como uma perdedora. Se possível, eu queria conquistar minha recompensa. E se a Shimamura estava torcendo por mim de alguma forma, então eu queria tentar atender às suas expectativas.

Depois da ligação, olhei no histórico de chamadas. Só tinha *Shimamura* ali, do começo ao fim. Fui contando todas na minha cabeça e percebi o quanto de ligações a gente estava fazendo ultimamente.

"Hee hee... hee hee hee..."

Mas eu não tinha tempo para ficar rindo. Virei para o calendário e comecei a contar. Domingo estava a seis dias inteiros de distância — minha punição por ter sido impaciente demais para esperar até sexta-feira para perguntar. Mesmo assim, não parecia tempo suficiente.

O que eu faço? O que eu faço? O que eu faria normalmente? O que eu faço?

"Eu poderia... passar chantilly na minha testa...?"

Era uma ideia idiota, concebida pela rainha de todas as idiotas. Na minha desesperança, enterrei o rosto nas minhas mãos e fiquei ouvindo o som do relógio.

Para o bem ou para o mal, o tempo não iria esperar por mim.

***

Depois da escola, suprimi a vontade de me jogar nos braços da Shimamura e saí rapidamente da sala de aula. Quando olhei por cima do ombro, a encontrei me encarando com os olhos arregalados. Então ela acenou para mim, e eu acenei de volta. Estava muito tentada a ir até ela, mas reprimi o impulso e segui em direção à livraria.

Duvidava seriamente que qualquer revista moderna tivesse conselhos específicos sobre como fazer uma garota me beijar na testa durante um encontro, mas eu estava desesperada para encontrar algum tipo de pista por aí. Ainda não havia decidido para onde iríamos. Eu não podia continuar levando-a ao shopping toda vez, ou isso perderia a graça… mas, ao mesmo tempo, essa cidade do interior não oferecia muita variedade.

Internamente, estava em pânico, mas ter um objetivo em mente ajudava. Só agora percebia o peso nos meus membros que, de outra forma, passaria despercebido. Lutei contra isso a cada movimento, me empurrando para frente. Acredite ou não, era estranhamente gratificante. Eu sentia uma conexão forte entre mim e minha bicicleta.

Cruzei a ponte e cheguei à velha livraria, um prédio de tijolos vermelhos, bem grande. Depois que proibiram os clientes de "experimentar" os livros antes da compra, comecei a notar alguns espaços vazios no estacionamento, que antes estava sempre lotado. O grande prédio ao lado costumava vender videogames e CDs, mas, em algum momento, se transformou em uma farmácia.

Entrei e fiquei vagando pelo primeiro andar. O segundo andar era onde ficavam os livros de referência, mangás e materiais escolares, então não tinha motivo para subir hoje. Já fazia um tempo desde a última vez que vim aqui; eu não lia muitos livros e não estudava o suficiente para precisar de novos materiais escolares. Será que tinham revistas focadas em namoro?

E tinham, e bem explícitas, por sinal. Meu rosto corou antes mesmo de eu conseguir pegar qualquer coisa da prateleira.

Honestamente, eu não esperava encontrar o que procurava tão rápido. Peguei a primeira que estava na frente, na altura dos meus olhos: *O Guia Completo para Namoradas.* Será que algo assim funcionaria? No meu caso, eu queria saber que tipo de encontros as garotas gostavam — mais especificamente, os encontros

que a *Shimamura* gostava. Afinal, eu queria que ela se divertisse, independentemente de eu alcançar meu objetivo ou não.

"Oho..."

Foi então que ouvi uma voz bem atrás de mim. Minha mente ficou em branco. O coração batendo forte no peito, me virei rapidamente e encontrei mais uma surpresa: um rosto a poucos centímetros do meu. E pelo jeito como ela estava apertando os olhos, sua visão estava péssima.

"Chee-chee, é você! Eu sabia!"

Ela colocou os óculos para confirmar. Pessoalmente, eu teria apreciado se ela tivesse colocado bem antes.

"Uh... oi, Nagafuji..." Eu deveria chamá-la de "Nagafuji-san" para ser educada? Não éramos tão próximas, mas também não éramos total desconhecidas... Eu não sabia bem como medir a distância entre mim e alguém que não fosse a Shimamura.

Mas Nagafuji não parecia se importar. Ela olhou para a revista que eu estava segurando — *ah, droga.* Senti minhas palmas começando a suar. Quanto mais eu ficasse ali segurando essa coisa estúpida, mais provável seria que gerasse algum tipo de mal-entendido! Não que *fosse* um mal-entendido, mas... você sabe o que eu quero dizer!

"Tem um *encontro* marcado?"

"Uhh... não ligue pra isso. Então, onde está a Hino?"

"Foi pra casa mais cedo, 'negócios de família'. Mas *eu* não tenho negócios de família!"

Por que ela parecia tão orgulhosa desse detalhe? E, se ela veio a pé até aqui, como conseguiu chegar tão rápido depois de mim? Essa garota é um enigma completo.

"A propósito, eu também não tenho negócios com você, Chee-chee."

"Ah... tá..."

Que esquisita. Mas... talvez se eu pedisse ajuda a ela, poderia me dar uma força. Certamente ela e a Hino se beijam na testa, não? Não parecem? Não tinha ninguém melhor para perguntar, então decidi encarar isso como um sinal de Deus ou de quem quer que seja. Apontei para a revista que eu estava segurando.

"Então, não tem nada a ver com isso," comecei, embora fosse possível que meu aviso só tivesse tornado tudo mais óbvio.

"Nada a ver. Entendi."

Ela realmente acreditou em mim tão facilmente? Pelo menos, *parecia* que ela acreditava... Não dava para saber ao certo pela expressão dela. Ela era difícil de ler, meio como a Shimamura, mas não exatamente igual.

"Sim, nada a ver, mas... então..."

"É sobre a Shimamura, né?"

Eu nem tinha chegado tão longe ainda!

"Eu estava me perguntando, sabe, qual tipo de lugar poderia... colocar a Shimamura no clima para fazer um favor pra mim..." Como eu explicaria isso para ela sem entrar em detalhes? Essa conversa estava tão indireta que eu poderia ter dado uma volta até a Rússia. Meu pânico descia pelo meu corpo como um suor gelado.

"Ah, entendi. Então é uma competição."

"O quê? Uma competição? Por que você pensaria isso?"

Eu mal havia explicado algo, e ainda assim ela parecia ter entendido instantaneamente. Pelo menos, na sua própria cabeça. "Tenho certeza disso," ela declarou com firmeza.

Que confiança era essa, se ela claramente não conhecia todos os detalhes? Ela não estava sendo apenas teimosa. Minha única conclusão foi que ela não havia pensado um único segundo sobre isso.

"E se você ganhar, então você vai poder pedir um favor pra Shimamura, certo? Eu entendi completamente." Ela assentiu tão distraidamente que fiquei convencida de que ela já não estava mais ouvindo.

"Não, não é uma competição — bem, ok. Talvez *possa* ser...?"

"Claro que pode ser! Não se preocupe!"

Com o quê, exatamente? Aparentemente, isso ia direcionar a conversa para o lugar que eu queria, mas... como ela chegou à conclusão de que era "uma competição", afinal?

"Se você quer derrotar a Shimamura, então eu tenho uma sugestão."

"Uh... tá...?"

"Faça uma competição de arremesso de bumerangue."

A princípio, não tinha certeza se a tinha ouvido corretamente. *Competição de arremesso de bumerangue?* "...Por quê?"

"Duvido que ela tenha praticado, então, se você treinar um pouco, pode acabar com ela."

"Acabar com ela... com o bumerangue?"

"Meninas boazinhas não batem nos amigos com bumerangues," ela me repreendeu, balançando os braços em um padrão alternado. "Ah, mas acho que você não é uma boa menina, né? Esqueci."

"Não, eu... eu parei de ser delinquente." Embora, na verdade, nunca tenha planejado ser uma em primeiro lugar.

"Então, nesse caso, você não pode bater nas pessoas. Agora, existem várias maneiras de competir com bumerangues—"

"Eu não preciso que você me explique isso. Não vou fazer isso."

"Primeira coisa, vamos comprar um bumerangue pra você." Ela me pegou pelo ombro e começou a me arrastar.

"Espera um minuto, espera um minuto!" Eu resisti até que ela parasse. "Só pra constar... eu tecnicamente *tenho* um bumerangue." Shimamura me deu um de presente de Natal. Mas eu só usei ele como decoração na minha prateleira.

"Sério?" Ela olhou para mim, com os olhos brilhando. "Você brinca com ele?"

"Nem um pouco." Eu balancei a cabeça.

"Ah, tá." O olhar dela foi de um lado para o outro e, depois de um momento, ela aparentemente esqueceu tudo o que eu tinha dito. "Se você quer vencer a Shimamura, arremessar bumerangue é sua melhor opção! Eu vou até te treinar pessoalmente!"

"O quê? Você vai me treinar?"

"Bom, você quer ganhar, né? Então vai precisar de um treinamento! Isso aí!"

De onde *isso* saiu? Eu ainda estava cheia de perguntas, mas Nagafuji parecia ter tudo planejado.

"Então, Chee-chee, melhor começarmos logo!"

"Huh? Ah... tá...?"

"Vai lá deixar suas coisas em casa. Conhece o parque que fica logo ali na esquina? Conhece, né? Perfeito! Vamos pegar nossos bumerangues e nos encontrar lá!"

Algo sobre isso não parecia certo, mas Nagafuji claramente não estava aceitando um "não" como resposta. Enquanto eu lutava com minha total incapacidade de estabelecer limites, nós duas nos afastamos brevemente, e acabei ficando sozinha com minhas inseguranças.

Um encontro com bumerangue? Sério?

Além disso, o fato de ela me chamar de "Chee-chee" o tempo todo sugeria que ela mais uma vez tinha esquecido qual era o meu nome.

***

"Que bom que você conseguiu vir, Chee-chee!"

Sim. Ela esqueceu completamente meu nome verdadeiro.

Ainda estava usando meu uniforme escolar, mas Nagafuji já havia trocado de roupa. Agora, ela usava uma camiseta que dizia MESTRE. Decidi não comentar sobre isso.

Esse parque ficava ao lado do shopping (se é que se pode considerar aquilo um shopping) e éramos as únicas pessoas ali. Parte por ser um dia de semana, mas também porque as crianças simplesmente não costumavam brincar em parques como antigamente. Como as coisas mudam.

De qualquer forma — eu realmente nunca imaginei que fosse usar esse negócio para algo além de decoração. Quando mostrei para ela, ela murmurou em tom satisfeito e ajustou as extremidades do bumerangue. Mas, depois de um momento, ela parou e inclinou a cabeça.

"Hã? Espera um pouco... Isso é...?"

"Tem algum problema com ele?"

"Nah, não é nada demais. Agora, hora de ajeitar!"

Fiquei ali parada, observando enquanto ela girava as extremidades do bumerangue para frente e para trás, fazendo ajustes minuciosos. "Ah… obrigada por me ajudar," murmurei timidamente, com os ombros curvados.

Ela bufou e empinou o peito e a barriga, e eu rapidamente percebi o que ela estava insinuando.

"Obrigada por me ajudar... Mestre," me corrigi.

"Heh heh heh."

Aparentemente, ela gostou. *Será* que o motivo todo para ela me ajudar era me fazer chamá-la de Mestre? Quanto ao bumerangue dela, havia buracos em cada uma das três extremidades.

"Aí está! Agora ele foi ajustado para máxima sustentação aerodinâmica," explicou ela.

"Uau." Ela levava esse negócio a sério. Não que eu tivesse qualquer interesse em me tornar um atleta que arremessa bumerangue ou algo assim.

"Agora, o truque é segurar delicadamente, dar uma leve batida e tentar girá-lo o máximo possível."

"Hmm."

"O sagredo tá todo nos giros!"

“……”

"Desculpa, eu só sempre quis dizer isso."

"Ok, então."

"Basicamente, você vai querer mirar para uma espiral logarítmica com a razão áurea — ah, tanto faz. O mais importante é, jogue ele na vertical," ela explicou enquanto me entregava o meu bumerangue "ajustado". Parecia que eu já tinha ouvido isso em algum lugar.

O parque era separado do rio por uma única trilha de terra batida, e o único abrigo era um simples guarda-sol na área de descanso. Sem surpresa, era um lugar seguro para lançar bumerangues.

"Se você não jogar corretamente, pode se machucar de verdade, então concentre-se."

"Entendi." Seguindo as instruções, segurei o bumerangue na vertical com minha mão esquerda.

"É a primeira light novel colegial sobre garotas lançando bumerangues do mundo!"

Posso focar ou tá difícil?

"Espera, o quê? Chee-chee, você é canhota?" ela perguntou de repente.

"Sim."

"Neste caso, eu tenho que ajustar do outro jeito. Me empresta de novo."

Eu a entreguei o bumerangue e ela trocou a direção das lâminas.

"Hmmm..."

Certamente, eu não entendia muito sobre a Nagafuji, mas ela realmente parecia querer que mais pessoas jogassem bumerangue com ela. Talvez a Hino tivesse se recusado a brincar com ela...? Aparentemente, havia coisas que até os melhores amigos não conseguiam compartilhar juntos. Nesse caso, eu provavelmente teria muito trabalho tentando compartilhar tudo com a Shimamura.

"De que lado o vento está soprando...? Por aqui. Ok, jogue por ali."

Com o ajuste feito, ela me devolveu o bumerangue. Depois, ela testou o vento e, quando teve certeza, apontou para a direção que queria que eu jogasse. *Essa história de bumerangue é bem complicada. Eu pensei que era só lançar e pronto.*

"Lembre-se, não é sobre força. Os giros são o que fazem ele voar."

Lá vai ela, tagarelando de novo.

Eu fiz o arremesso sem muito esforço. O bumerangue rapidamente deixou minha mão, e eu fiquei surpresa ao ver o quanto ele subiu. Ele cortou o ar em diagonal, deu uma voltinha ao redor do parque e então fez uma curva de volta em minha direção. *Como é que ele sabe voltar? Tão estranho*, pensei distraidamente.

Mas embora estivesse indo em minha direção, estava consideravelmente longe do alvo. Eu o segui com os olhos enquanto corria de lado, então estiquei a mão e o apanhei entre as palmas bem na hora. Devo ter parecido bem ridícula praticamente mergulhando para pegá-lo, mas tudo bem. *Foi bom o suficiente, certo?*

Quando voltei com o bumerangue, Nagafuji assentiu satisfeita. "Sem reclamações!"

"Hã?"

"Meu passarinho já está deixando o ninho..."

Ela sorriu melancolicamente para mim, como se eu fosse sua discípula. *Achei que isso ia ser um treinamento sério, não Bumerangue 101! Estamos aqui há, tipo, dez minutos!*

“Oh, mas se eu fosse dar um conselho…” Usando o dedo, ela desenhou um círculo na terra ao meu redor, com aproximadamente três metros e meio de diâmetro. “Tente praticar até conseguir pegá-lo sem sair desse círculo!”

“É assim que se joga?”

“Sim!” ela assentiu. “Aí você e a Shimamura competem para ver quantas vezes conseguem pegar dentro do campo de jogo. Os profissionais só contam quantas vezes conseguem pegar *de uma vez*, mas, eh, isso não importa muito desde que você vença.”

“Oh. Certo.” *Por que ela está tão decidida nessa competição de bumerangue? Ugh, eu escolhi a pessoa errada para pedir conselhos.* Mas, por outro lado, não é como se eu tivesse outras ideias.

“Isso conclui nossa sessão de treinamento. Infelizmente, amanhã estarei muito ocupada entretendo a Hino.”

“Oh. Ok.” *Parece uma razão válida para mim.*

“Que a vitória seja sua!” E com isso, ela saiu correndo a pé.

Agora que penso bem, acho que lembro que a Nagafuji não sabia andar de bicicleta. Por isso, ela sempre pegava carona com a Hino. *Sortuda... Eu queria que a Shimamura me desse carona pela cidade...* Mas, claro, já era tarde demais para fingir que não sabia andar de bicicleta.

Com esse pensamento, fui até a pequena ponte que passava sobre o rio...

“Bom trabalho lá fora,” uma voz chamou do nada, e eu virei a cabeça alarmada. Era a Shimamura.

“O quê?! Sh-Shimamura…?” *O que ela está fazendo aqui?!*

“Hm? Ah, eu vi você e a Nagafuji juntas agorinha.”

“Oh… certo. E-eu entendo… Interessante…”

Eu estava chocada. Shimamura estava vestida com roupas de rua, sugerindo que ela estava voltando de algum lugar. Mas ela não parecia ter visto o que eu e a Nagafuji estávamos fazendo no parque.

“Estou surpresa — você não costuma sair com a Nagafuji, né?”

“É, eh, não com muita frequência.”

Ela me encarou por um bom tempo e então…

“Bem, só para você saber, Adachi…” Ela se aproximou de mim e sussurrou no meu ouvido: “Você não pode me trair.”

Eu ouvi um *shhhhhh* enquanto todo o sangue sumia do meu rosto. Então, quando ela se endireitou, eu vi os lábios dela se curvarem em um sorriso de satisfação.

“Se você vai estabelecer regras pra mim, então espero que você siga elas também. Caso contrário, não seria justo.”

“E-eh? Não! Isso… eu não… você é a única pessoa pra mim!”

“Acho que a senhorita está protestando demais... Brincadeira!”

Enquanto ela ria do meu pânico, corri atrás dela, desesperada para me explicar.

***

De vez em quando, eu parava para imaginar como seria a vida se eu nunca tivesse conhecido a Shimamura. Provavelmente teria passado o dia como qualquer outro fim de semana — sentada no meu quarto, observando o relógio, sem saber se queria que ele passasse mais rápido ou mais devagar. De vez em quando, me perguntava: e se eu nunca tivesse desenvolvido essa paixão ardente? Sem ela, talvez eu conseguisse aceitar que a pessoa por quem me apaixonei voltasse sua atenção para outro alguém. Eu teria me convencido de que simplesmente não era para ser.

Mas, em vez disso, aqui estou.

A voz dela fazia meu coração disparar. O pensamento dela me preenchia com uma sensação ardente que roía por dentro. Eu estava tomado pela impaciência e frustração, mas ao mesmo tempo, sentia uma esperança de que poderia superar isso. Hesitação, ressentimento e outros enigmas abstratos me forçavam a enfrentar o mundo lá fora. Tudo isso era causado pela Shimamura. Ela era tudo para mim.

E então, chegou o domingo — o dia do nosso encontro.

Meu corpo estava exausto pela falta de sono, mas isso sempre acontecia quando eu combinava de encontrar a Shimamura num fim de semana, então já estava me acostumando. Até agora, nós duas só tínhamos “saído juntas”, mas hoje iríamos “para um encontro”. Qualquer um ficaria nervoso no meu lugar. Minha pele e meus olhos estavam tão secos que eu praticamente podia ouvir a areia se movendo. Eu estava esquecendo de piscar de novo?

Fileiras de nuvens cirrocúmulos se alinhavam no céu rajado, como as costas de um peixe — mais um sinal de que o outono estava chegando. Foi nesse calor persistente de outono que a Shimamura e eu nos conhecemos, e neste ano, o outono veria nosso relacionamento continuar a evoluir. O que o *próximo* outono nos reservava? Eu mal podia imaginar.

Dito isso… seria a escolha certa gastar todo o tempo de preparação para o encontro jogando meu bumerangue por aí? Ou será que a Nagafuji me direcionou para o caminho errado? Ela quase certamente me levou para o lado errado, mas só o bumerangue guardado na minha mochila sabia com certeza.

Tínhamos combinado de nos encontrar em frente a uma academia esportiva moderadamente brega — aquele lugar que eu havia visitado com a Shimamura um tempo atrás — mas quando eu falei com ela sobre isso, ela não parecia muito animada ao telefone. “Ah. Hmm. Não, tudo bem, mas… Bem, tanto faz,” ela havia dito. Isso foi bem preocupante para mim.

Então, não demorou muito até que ela chegasse, a mochila jogada sobre o ombro. “Oiê!”

“Uau…”

Quando eu parei para olhar bem para ela, ficou rapidamente claro que ela era adorável da cabeça aos pés. Os ombros, as pernas, o quadril — suas roupas não faziam nada para esconder o quão perfeita ela era. Até as solas dos sapatos dela eram fofas… uh… provavelmente. *Meu Deus, sou um caso perdido.*

“Bom d—”

Mas antes que eu pudesse terminar de dar oi, ela de repente se aproximou.

“O que foi?”

Ela estava na ponta dos pés, examinando minha testa de perto. O grande momento já tinha chegado?! Meus dedos tremeram.

“Ah. Que chato.” Ela se recolheu.

“O que foi?”

“Eu meio que esperava que você tivesse mel na testa ou algo assim.”

Imediatamente comecei a engasgar.

“Ah, não! Adachi, você está ficando doente?”

“Eu estou bem,” insisti, acenando com a mão de forma displicente. Mas, para registrar, decidi perguntar: “E se eu *tivesse* mel na testa...?”

“Eu pediria pra você lavar. Então, para onde você vai me levar? A academia?”

“Por aqui.”

Cruzamos duas ruas, viramos a esquina e rapidamente chegamos ao campo municipal de atletismo. Felizmente, não havia clubes ou equipes esportivas programadas para treinar naquele dia, então o lugar estava vazio, exceto por algumas crianças brincando em um canto.

“Você não vai me convidar para jogar futebol ou algo assim, vai?” Shimamura perguntou ceticamente.

Será que era impressão minha ou eu detectei uma ponta de nostalgia em sua voz e olhar? Talvez fosse um jogo que ela costumava jogar com alguém há muito tempo. A irmã mais nova dela? Ou aquela garota que eu não conhecia? O pensamento me fez ranger os dentes.

“Aqui.” Tirei o bumerangue da minha mochila e hesitante o estendi. Os olhos dela se arregalaram ligeiramente.

“Ah, *agora* eu entendi.”

“Entendeu o quê...?”

“Acho que sei de onde veio sua inspiração pra isso. Então você queria jogar e reviver nossa infância?”

“Eu queria... fazer uma competição... e se eu ganhar...” *Murmuro, murmuro.*

Ela olhou para o bumerangue na minha mão. “Uma competição,” ela repetiu com cuidado. Então ela sorriu, compreensiva. “Adachi, sua trapaceira! Aposto que você praticou um monte antes, não foi?”

Eu comecei a engasgar de novo. Sem surpresas, ela me pegou de jeito. E agora? Se ela recusasse, isso significaria que eu teria desperdiçado toda a semana passada preparando isso!

“Você realmente se esforçou nisso. Estou orgulhosa.”

...Espera, o quê? Ela está orgulhosa de mim?

“Então, tá! Se você conseguir fazer um bom lançamento *e* pegá-lo depois, acho que posso ser convencida.” Com isso, ela se sentou em um banco próximo.

...Espera, o quê? Só isso? Ela está sendo legal e facilitando para mim? Não, não pode ser, pensei. A ideia de “ser legal” da Shimamura era bem diferente.

“Você só tem uma chance, tá?” Ela riu com malícia.

Viu? Só uma chance! Eu tinha pegado o básico durante a prática, mas não estava 100% confiante. Havia uma chance de eu errar.

“Não é como se, se eu errar, você nunca mais fosse me dar um beijo na testa… certo?”

“Não seeeei…” Ela sorriu maliciosamente. *Será que é só impressão minha, ou ela tem sorrido mais ultimamente?* Em situações normais, isso era encantador, mas agora, ela estava sendo simplesmente cruel.

Sequei as palmas das minhas mãos nas minhas roupas e então olhei para frente, sem poder cometer nenhum erro. Meu coração estava disparado e meu corpo tenso. Fui ajustando minha postura para lançar e me preparei. Minhas palmas já estavam suadas de novo, e agora o bumerangue também estava suado. A voz da minha mestre ecoava nos meus ouvidos: *Foco. Lembre-se de respirar. Lembre-se de relaxar. O segredo está nos giros.*

Para falar a verdade, eu estava distraída.

Orei para que meu bumerangue voasse bem alto. Então, minhas pernas se travaram enquanto eu mudava o peso do corpo… e fiz o lançamento.

Vai, vai, vai!

O bumerangue disparou. Agora só faltava pegá-lo.

Calmamente, com cuidado, segui a trajetória do bumerangue com os meus olhos. Mas então o bumerangue — e a paisagem ao redor dele — começaram a distorcer. Eu estava tão nervosa que meu campo de visão estava diminuindo, e eu estava me distraindo com o som da minha própria respiração pesada.

Se controle! Esse é o momento da verdade! Enquanto me preparava mentalmente, continuei observando o bumerangue. Nada mais importava; eu nem ligava se um meteoro estivesse caindo na Terra bem em cima de mim.

Minha visão estava ficando vermelha, mas eu não ligava para isso também. Foquei apenas no ponto mais importante. Era assim que eu vivia minha vida.

O bumerangue se curvou de volta para mim. Meu lançamento atendeu ao pré-requisito básico. Agora vinha a parte difícil.

Ali! Eu corri para o lado junto com o bumerangue. Então, estiquei os braços para garantir meu futuro, igual aquele cara com as sementes de *Hokuto no Ken*. Meu corpo se esticou — meus braços se esticaram — e então—

Tum!

Shimamura... pegou... o bumerangue... do banco.

"...Ah, desculpa! Estava bem na minha frente, então os meus reflexos meio que entraram em ação..."

O suor nas minhas costas desceu de uma vez só, com um tremor. O olhar dela foi de um lado para o outro enquanto ela mexia nas lâminas do bumerangue.

"Foi, uhhh... sabe... um esforço em grupo! Amor e trabalho em equipe!"

"Ah... s-sim... isso. Totalmente." *Mas isso conta? Conta ou não?* O suor que escorreu do meu nariz estava queimando e ameaçando evaporar.

"Então, é o fim do encontro?" ela perguntou.

"Uhhhh... bem..."

E então ficou claro: eu estava tão focada no meu objetivo imediato que esqueci completamente de planejar o resto.

"Você pode não ter muito planejamento, mas eu não me importo."

Ela percebeu meu silêncio e ignorou, sorrindo de forma meio desconfortável. Mas "não me importo" definitivamente *não* era o mesmo que "eu gosto disso", então eu encolhi em vergonha.

"Bem, vamos ver... Primeiro, deveríamos comer alguma coisa, já que é hora do almoço e tal," ela continuou, sem nem olhar para o relógio. Ela que escolheu o horário do nosso encontro; será que ela previu que meus "planos para o encontro" acabariam rápido? Não pude deixar de interpretar isso como um gesto gentil, e isso aqueceu meu coração.

"Devo comprar algo para a gente? Ou prefere ir a um lugar mais tranquilo? Ah, e vai ser por minha conta. Quero dizer, tenho bastante dinheiro, então... sim..."

Minha conta da poupança ainda estava bem robusta, já que eu não tinha muito no que gastar.

“Espera aí, Adachi. Você não acha que eu sou alguma *caçadora de ouro*, né?” Ela fez uma expressão como se tivesse sido mortalmente ofendida.

Contendo o impulso de corrigir a situação, optei por uma resposta mais brincalhona e me encolhi dramaticamente. “Espera… você não é?!”

“Ah, eu sou sim.”

“Quê?!” Eu estava brincando, mas ela realmente desmascarou minha mentira. Eu congelei.

“Brincadeira. Enfim, pelo visto você é rica, né? *Interessante*.” Eu quase podia sentir o olhar dela percorrendo minha mandíbula e têmporas, e isso me fez rir de leve. “Você é bonita, rica, e… uh… bonita…”

“O quê?”

“Sim, você é um bom partido! Eu tenho um gosto impecável!” Ela riu tanto que deu para ver as partes de trás dos dentes dela.

“Ha ha… ha… ha ha…” De forma constrangedora, forcei uma risada para acompanhar a dela. Parecia que ela estava dizendo que meus únicos bons pontos eram minha aparência e meu dinheiro, mas, de algum jeito, isso me deu uma sensação boa.

“E olha só, você me mandava buscar o seu almoço quando a gente se conheceu…”

“Quê?!”

“Mas enfim, você não precisa ir comprar nada.”

“…Hã?” Fiquei parada no meio do caminho, de frente para a saída. Ela revirou a mochila e depois levantou algo acima da cabeça.

“Tcharam! Preparei o almoço pra gente! Como prometi!” Ela me ofereceu um sorriso e um sanduíche coberto com filme plástico.

“Oh…”

Tomada pela emoção, minhas palavras ficaram presas na garganta e se recusaram a sair. Já fraca, dei um passo até o banco e desabei nele.

“Não é nada chique, tá? Eu só sei fazer umas coisas básicas mesmo.”

Ela riu casualmente, tentando desviar o foco. Funcionou, claro. Enquanto ela desembrulhava os sanduíches, eles pareciam brilhar com todas as cores do arco-íris.

“Uau…!”

“Aqui está!”

Ela me entregou um sanduíche de salada com ovo; Me preparei para pegar, mas então percebi que ela estava segurando ele na direção da minha boca. *Ah, entendi.* Me inclinei para frente e dei uma mordida.

“E aí, como está?”

A parte de trás da minha garganta queimava de calor. O sabor estava… sinceramente meio sem graça. “Está… está realmente… super bom!”

“Ha ha! Você é uma péssima mentirosa.”

Ela me desmascarou instantaneamente. Mesmo assim, abri a boca novamente e pedi mais.

“Heh. Bem, ainda é bom ouvir isso, mesmo que você esteja só sendo educada.”

Satisfeita, ela estendeu o resto do sanduíche. Infelizmente, escolhi exatamente esse momento para me inclinar para frente, e, como resultado, ela inadvertidamente empurrou o sanduíche direto para minha garganta.

“Mmffg!” Meio engasgando, lutei para não demonstrar desconforto enquanto mastigava. Então, ao engolir, olhei para o chão. “Ei, hum… Shimamura? Posso te perguntar uma coisa?”

“O que seria?”

Achei que deveria perguntar enquanto ela estava de bom humor… ou isso destruiria o momento completamente? Sem conseguir decidir, acabei fazendo a pergunta que me atormentava há uma eternidade:

“Aquela, hum, garota com quem você estava naquele outro festival que aconteceu um tempo atrás — quem é ela?” Percebendo que estava divagando, respirei fundo e acrescentei: “Só curiosidade.” Comecei a abaixar a cabeça, mas me contive e forcei a mim mesma a olhá-la.

O sorriso dela estava começando a desaparecer, mas ela respondeu mesmo assim. “Uma velha amiga,” ela suspirou. “Ela me convidou pra ir, então eu aceitei.”

Uma “velha amiga”? Tipo, antes de me conhecer? Você nunca falou nada sobre uma velha amiga antes. Essa é a primeira vez que ouço falar dela. Por que esconder isso? Você não achou que precisava me contar? Mas eu sou sua namorada! Talvez não tenha sido sempre, mas agora sou, então… então…!

Senti meu rosto começando a se desmoronar, e se isso acontecesse, com certeza começaria a chorar. E *isso* arruinaria tudo. Minha pequena experiência de alguns meses com a Shimamura me alertou para me controlar. Respirei fundo para controlar minha voz e minhas emoções. Então, assim que recuperei um mínimo de compostura…

“A partir de agora… você só pode fazer essas coisas com… comigo?” Timidamente, olhei para ela.

“Hmmm…” Tímida, ela sorriu enquanto seu olhar vagava. “Você é uma verdadeira dor de cabeça.”

Ela acariciou meu cabelo como se estivesse tocando as teclas de um piano; a princípio, os dedos dela se retraíram, mas depois o toque se aprofundou. *Grrrr*... Contendo a frustração, decidi continuar desabafando—

“Por que tá com essa cara?”

Evidentemente, meu desagrado tinha se mostrado em meu rosto.

“Shimamura… você sempre me trata como uma criança.”

“Eu trato?” Ela não parecia perceber que estava fazendo isso; retirou a mão e olhou para a palma dela. “Bem, sempre que olho pra você, sinto… uma vontade de proteger? Acho?”

“Eu não gosto disso.” Eu sabia que ela só estava tentando ser carinhosa, mas uma sensação inexplicável de aversão tomou conta de mim. Pelo menos, naquele momento, eu estava querendo algo diferente.

Pinçando o lábio inferior entre os dedos, Shimamura olhou para mim pensativamente. “Tá, então. Como eu deveria te tratar?”

Havia um toque de brincadeira na voz dela, como se soubesse a resposta e tivesse decidido perguntar assim mesmo. Lancei um olhar pra ela que dizia: "Preciso mesmo explicar?" Ela respondeu com um sorriso que dizia "Sim. Sim, você precisa."

Uggghhh.

"Como uma... n-namorada..."

"Oho, entendi. Como uma *namorada*." Ela se levantou e se posicionou na minha frente. Então colocou as mãos sobre os meus ombros, bloqueando o sol. "Assim?"

Reflexivamente, engoli os últimos vestígios do sanduíche. "Sim... assim..."

Meus ombros começaram a doer; minha garganta estava apertada, e meu estômago se sentia constrito.

"Faz devagar, tá?"

Dessa vez, eu queria assistir a cada momento e gravá-lo nas minhas pálpebras.

"Devagar? Ok, então, bem devagar..."

Ela se inclinou, um centímetro agonizante por vez. Tão devagar, na verdade, que pensei que ela fosse em direção aos meus lábios. Meus dedos se mexiam inquietos sobre o banco. Então, ela afastou minha franja e pressionou seus lábios firmemente contra minha testa.

O sangue pulsava nas minhas veias em uma única massa coagulada. Lá no fundo, pensei ter ouvido uma voz — uma voz misteriosa, muito mais profunda que a minha — cantando "Aleluia!" repetidamente. Minha visão ficou turva. Então, gradualmente, o contorno da Shimamura reapareceu, como se tivesse emergido das profundezas da água.

"Era isso que você queria? Nossa, isso é tão vergonhoso..."

Coçando a bochecha, ela começou a se afastar — mas eu segurei sua mão. Então olhei para cima, diretamente nos olhos dela, e disse tudo o que estava no meu coração.

"Eu te amo."

"Uhum."

"Eu sou louca por você."

“Uhum.”

"Fique comigo para sempre."

"...Tá bom."

Embora eu tentasse pensar nas palavras perfeitas, tudo o que consegui foi repetir velhos clichês. Mas, no final, minha namorada aceitou cada um deles com um sorriso.